

O Quilombo Minas Gerais - mgquilombo

Texto original de 2002, atualizado. Extraído, com autorização exclusiva do autor para o mgquilombo, do livro Quilombo do Campo Grande – A História de Minas que se Devolve ao Povo, Santa Clara Editora Produção de Livros Ltda., Contagem-MG, agosto/2008 pg. 956-980. Pode copiar e reproduzir à vontade. Desde que revele a fonte.

Estudos Críticos¹ feitos pelo Pesquisador Tarcísio José Martins ao artigo

QUILOMBOLAS - Lenda Mineira Inédita – Carmo Gama
Revista do Archivo Público Mineiro – Volume 9 – 1904 – Fascículos I e II (jan. jun. de 1904)
Direção e redação de Augusto de Lima Júnior

Preliminar-1

Este artigo teria sido escrito em Rio Novo, ao mês de março de 1900, por Carmo Gama. Teria sido copiado (“Cop”) em Bicas, aos 29 de outubro de 1903 por “p.r. P. Bambr.^a”. P. 866 da *Revista*.

A cidade de Rio Novo fica ao norte de São João Nepomuceno, na Zona da Mata. Também a cidade de Bicas fica na Zona da Mata, ao sul de São João Nepomuceno. O autor foi realmente ligado a esses municípios.

Carmo Gama, o cronista-autor, diz-se escritor ou jornalista “há quase vinte anos”, tanto no Rio como em Minas. Diz-se correspondente do Arquivo Público Mineiro. Realmente, José Joaquim do Carmo Gama², natural de Baependi, a esta época residia em Rio Novo.

Preliminar-2

Conta, Carmo Gama que extraiu esta lenda de um pequeno manuscrito chamado *Apontamentos Geográficos e Históricos por Janoário Pinto Moreira*³, que lhe foi enviado pelo seu parente e amigo, padre Euzébio Nogueira Penido⁴, vigário do Itatiaiu-ussu.

Diz Carmo Gama que, “*Coordenando os fatos e formando a narrativa, procurei conservar sempre o fundo, no que vai a homenagem de meu respeito e gratidão ao autor do manuscrito*”⁵. (p. 828).

Carmo Gama adverte que, “*não conhecendo pessoalmente os lugares em que se deram os acontecimentos, no sertão mineiro, para não incidir em*

1 Apresentei este artigo pela 1ª vez por volta de 2002 no site www.mgquilombo.com.br e agora o reapresento atualizado com novas pesquisas.

2 Nomeado correspondente oficial do APM pelo presidente do Estado, dr. Bias Fortes, após 1895, sob a direção de Pedro Xavier da Veiga. Carmo Gama foi sócio fundador da Academia Mineira de Letras, onde escolheu a cadeira titulada pelo patrono José Pedro Xavier da Veiga – falecido em 8 de agosto de 1900 - primeiro diretor do APM.

3 Quanto ao autor do manuscrito, Janoário Pinto Moreira: O apelido Pinto Moreira é bastante comum em Itaúna. Tão comum que o dr. Miguel Augusto constatou que o nome do primeiro sesmeiro, na verdade Pinto Madureira, vinha sendo confundido com Pinto Moreira. Está consignado na p. 156 do *História de Itaúna* um prof. chamado “capitão Januário” (últimas décadas do século IX), sem, contudo, consignar seu apelido de família. Acredito que, se tal pessoa existiu, o dr. Miguel Augusto, ou o dr. Guaracy poderão localizá-lo e identificá-lo. E o manuscrito? Será que existiu mesmo? Será que ainda existe? Se existir, precisamos achá-lo!

4 Ver p.. 144, 145, 153 e 154 de *História de Itaúna*, de Miguel Augusto Gonçalves de Souza, onde há registro de que no período de 24 de dezembro de 1901 a 1904, realmente, o pe. Euzébio Nogueira Penido, além de vigário de Itatiaiuçu, foi vereador de Itaúna.

5 Obs.: Carmo Gama teria, portanto, reordenado os fatos, pois “*coordenar*” significa “*dispor segundo certa ordem e método, organizar, arranjar*”. “*Narrativa*”, significa a maneira de narrar; “*Narrar*”, significa expor minuciosamente. “*Fundo*”, no sentido de razão, justificativa, base, fundamento. Ou seja, mesmo buscando dar verossimilhança com base em suas pesquisas e conhecimentos, Carmo Gama criou em cima do texto de Janoário Pinto Moreira, mantendo, porém, as razões, bases e fundamentos do autor.

O Quilombo Minas Gerais - mgquilombo

erros palmares, tive sempre aberta ante a minha mesa a carta “Geográfica de Minas” cotejando-a com a do grande mapa do senador Cândido Mendes, e o leitor que quiser melhor orientar-se tome por ponto a cidade de Araxá⁶, perto da qual se deu a ação principal da narrativa”. (p. 828).

Carmo Gama diz que o próprio Janoário (autor do pequeno manuscrito) informava que *“ouvindo a narração dessas histórias da boca de um dos protagonistas, o célebre padre Caturra, seu professor de primeiras letras, este nunca precisava as datas, quando a repetia”.* (p. 828). Por esta razão, Carmo Gama, também quanto à época dos fatos, teve de supor, pois registra *“suponho se deram (os fatos) no fim do passado ao princípio deste século”.* Escrevia em abril de 1900, portanto, refere-se ao fim dos anos 700 e começo dos anos 800, séculos XVIII e XIX. (p. 828).

Como se vê, fica estranho que Carmo Gama tenha considerado a Geografia de Xavier da Veiga, ou seja, a região de Araxá, e considerado os fatos como ocorridos no final do século XVIII e começo do século XIX, pois os documentos citados por Xavier da Veiga traziam as datas de 1747 (equivocada, pois a data correta era 1746) e 1756-1759, portanto, meados e não final do século XVIII.

Em abril de 1900, Janoário Pinto Moreira, autor do manuscrito, já seria falecido, pois Carmo Gama refere-se *“à saudosa e veneranda memória do autor do manuscrito”.* (p. 828). Não há registro de que o padre Euzébio Nogueira Penido tivesse conhecido o falecido Janoário, pois Carmo Gama registra apenas *“que devo (o manuscrito) à gentileza de meu ilustrado parente e amigo, padre Euzébio Nogueira Penido”⁷,* cuja presença como vigário do Itatiaussu e vereador em Itaúna, realmente, é confirmada nesta data pelo livro *História de Itaúna* do dr. Miguel Augusto Gonçalves de Souza.

Há dois padres jesuítas na história: *“Portugueses ambos, Caturra⁸ e Custódio Coelho Duarte”.* Ambos os padres, após o rompimento de Ambrósio com a capital jesuítica (hoje, Indianópolis) foram para o Tengo-Tengo (Ibiá/Campos Altos). *“Cansados daquela vida sertaneja ou visando maior glória e mais fortuna, quiseram retirar-se”.* Ambrósio comprou-lhes seus escravos e acumulou-os de presentes, principalmente a Caturra, seu ex-senhor. Dali, seguiram para Vila Rica, sendo que, passando por Sant’Ana de São João (Itaúna)⁹, os padres se separaram, pois Caturra seguiu e Custódio ficou em

6 Obs.: Carmo Gama já conhecia, e cita, as *“Efemérides Mineiras”*, relativas a maio de 1747 e abril de 1756, mencionadas por José Pedro Xavier da Veiga. Deste autor, seu ídolo, portanto, teria assumido a suposta localização em Araxá. Era admirador incondicional de Xavier da Veiga, primeiro diretor do APM e patrono de sua cadeira na Academia Mineira de Letras.

7 Como se sabe, em 1900, dificilmente alguém duvidaria do testemunho de um padre; mesmo que fosse parente do autor; mesmo que fosse um político; com isto, Carmo Gama procura dar autenticidade à sua ficção.

8 Sempre desconfie de erro na citação *“um frade terceiro, por nome fr. José de Jesus por alcunha o Catarro”* contida em *Relatos Sertanistas*, Taunay, Itatiaia-Edusp, 1981, p. 86 e *Dicionário Histórico e Geográfico de Minas Gerais*, de Valdemar de Almeida Barbosa, p. 362. Isto se confirmou: a novíssima edição do *Códice Costa Matoso*, p. 257, traz o correção para, o Caturra. Em 3 de janeiro de 2002, tive os originais em mãos e confirmei. É mesmo Caturra. Mas, que conotação poderia haver entre *“um frade terceiro”* que, em 1694 dizia missas para os bandeirantes e pioneiros do arraial do Guarapiranga, *“por nome José de Jesus, por alcunha o Catarra”*, com o mencionado pe. Caturra do folhetim de Carmo Gama? Neste mundo, nada se cria, tudo se copia. Pelo menos o falecido Xavier da Veiga que estudou na Academia de Direito, em São Paulo, pode ter tomado contato com os originais do *Códice Costa Matoso*. Isto, no entanto, levaria a versão real dos acontecimentos para o ano de 1746... em Arcos-Formiga-Cristais... será?

9 É mais um equívoco criativo do autor: Tanto em 1746, quando o Ambrósio ficava em Cristais, como em 1758-1760, quando o Ambrósio já estava em Ibiá, nenhum caminho, vindo desses lugares com destino a Vila Rica, passava por Sant’Ana de São João Acima (Itaúna). A não ser que esse destino incluísse a passagem por Pintangui. Mesmo assim é duvidoso. Porque será que o tal Carmo Gama *“quis levar os padres”* para Itaúna?

O Quilombo Minas Gerais - mgquilombo

Itaúna¹⁰. No livro *História de Itaúna*, consta, em 1841-2, presença de um certo Custódio Coelho Duarte e, em 1884 (42 anos depois), a presença de um capitão Custódio Coelho Duarte¹¹. (Ver *História de Itaúna*, p. 5, 86 e 177). Seriam descendentes do tal padre jesuíta? João Dornas – segundo Miguel Augusto – sugeriu que esse padre poderia ter construído a primeira capela de Itaúna (Nossa Senhora do Rosário)¹².

Muitos anos depois, após ter ido de navio para a África, após ter sido capturado, vendido e padecido como escravo na Argélia, depois de libertado pelo rei¹³ de Portugal, depois de ter passado por Portugal e voltado para o Brasil; finalmente, depois de ter entrado para a força militar de Vila Rica como soldado raso, marchado junto com as tropas que foram destruir o Quilombo do Ambrósio, depois de ver toda a destruição e morte de Ambrósio, depois de tudo isto, é que na volta das tropas para Vila Rica, Caturra, desertando em Itaúna, por lá fica como professor de primeiras letras, tendo sido, portanto, o professor de primeiras letras do autor do manuscrito, Janoário Pinto Moreira, que dele tirou as informações que fizera consignar no manuscrito que, após sua morte, foram dados pelo padre Euzébio Nogueira Penido ao Carmo Gama, autor desse artigo, escrito em 1900 e publicado na *Revista do Archivo Público Mineiro* em 1904.

A “lenda” parece ter sido levada a sério por João Dornas Filho que, em *Efemérides Itaunenses*, sugeriu a possibilidade de a Capela do Rosário de Itaúna ter sido construída pelos padres Caturra e Custódio Duarte, “*jesuítas que, fugindo à perseguição ordenada pelo marquês de Pombal, em 1759, teriam se internado no oeste mineiro*”. *História de Itaúna*, v. I, (p. 05). A Capela de Santana (Itaúna) foi erigida por provisão de 9 de dezembro de 1750 e seu patrimônio, doado em 11 de outubro de 1765.

A História

A pretexto de contar a História dos jesuítas, Carmo Gama inicia a narrativa central, conectando-a e desenvolvendo-a em seu núcleo central.

O autor sabe que os jesuítas foram expulsos do Brasil em 1759. (p. 830). Sabe também – e afirma – que este fato está conectado à destruição do Quilombo do Ambrósio. No entanto, diz que “*suponho se deram (os fatos) no fim do passado ao princípio deste século*”. O deslocamento dos fatos reais – de 1746-7 ou 1759-1760 para 1790-1801-2 - como se vê, é muito grande.

Partindo desta data (1759?), o autor narra a fuga dos jesuítas da “capital” (Vila Rica? Rio de Janeiro? Salvador-BA?), onde rumando pelo rio São

10 Encontrei, em 1781, requerimento de homônimo, Custódio Coelho Duarte, capitão da Companhia Auxiliar de São Caetano, no termo da cidade de Mariana, solicitando sua confirmação no exercício do posto. *AHU – Cons. Ultra. Brasil/MG*, Cx. 117, doc. 41 Inventário *MARMG-AHU*, Col. Mineriana, v. 2, p. 199. (?)

11 Como dizia o velho Chacrinha: “neste mundo nada se cria, tudo se copia”. Evidente que são nomes que povoaram a infância do autor, agora, utilizados em sua ficção. Será?

12 Entendo que esses padres nunca existiram, sendo mera criação do incógnito autor. Luís Palacín, em “*Subversão e Corrupção – Um Estudo da Administração Pombalina em Goiás*”, Goiânia-1983, citando *História da Cia. De Jesus no Brasil*, de Serafim Leite, informa que “os dois primeiros jesuítas chegaram a Goiás em 28 de novembro de 1749” – p. 9; que, o governador enviou “o pe. José de Castilho para fundar a aldeia de Santana do Rio das Velhas com os bororos do coronel Antônio Pires de Campo (1750)” – p. 10. Morto Pires de Campo (1751), substituído pelo bandeirante João de Godoy, há evidência de que pastor da Aldeia de Rio das Velhas passou a ser o pe. Estevão de Souza. Todos eles fugiram em 1759. Os dois últimos padres da Aldeia do Rio das Velhas, Manoel da Cruz e Francisco José, teriam fugido em fins de 1759, chegando em São Paulo em janeiro de 1760, indo, dali, para o Rio de Janeiro. *A Igreja na História de São Paulo*, p. 128.

13 O REI d. José faleceu em 1777; a partir daí até 1808, Portugal não teve rei e sim rainha.

O Quilombo Minas Gerais - mgquilombo

Francisco acima (portanto deve ser Salvador), derivam à direita, ganham o Quebra-Anzol, Misericórdia¹⁴, onde fundam o Tengo-Tengo ou quartel ambrosiano (em Ibiá). Deixam ali os pretos “criminosos” (acostumados a matar nas guerras em que defenderam os jesuítas) e seguem de canoas e ajoujos pelo Quebra-Anzol até caírem no rio das Velhas, hoje, rio Veríssimo, onde fundariam a Aldeia de Santana¹⁵, hoje cidade de Indianópolis.

De entremeio, o autor introduz os principais personagens, quais sejam o padre Caturra, Ambrósio seu escravo e Tucum, cacique de uma das tribos aliadas. Depois menciona Cândida, também escrava de Caturra, comprada ainda criança, juntamente com Ambrósio, no Valongo, Rio de Janeiro. Exalta as qualidades de ambos, sendo Ambrósio qualificado como um bom general, de família real, um príncipe em sua terra, a África; e Cândida, exaltada como grande intelectual com pendores para as letras. Nisso tudo realça a superioridade da realeza¹⁶, mesmo africana - onde por esta razão os outros pretos se curvam a Ambrósio - e o desenvolvimento intelectual de Cândida, tudo isto, fruto da educação que receberam de seu senhor, o inteligentíssimo padre Caturra. Esse padre libertou a ambos, casando-os na igreja. Apressa-se o autor em afirmar, no entanto, que o casal jamais teve filhos.

Volta à epopéia, narrando que terminada a construção da Aldeia de Santana, a capital jesuítica, Ambrósio voltou com seus homens para o Tengo-Tengo, onde construiu a povoação em forma de praça de guerra, compondo-a com duas igrejas, seu castelo ou casa real, engenhos e outros apetrechos de uma fazenda; etc.

Depreende-se, ao final do texto, que também em volta da praça de guerra ou cidade fortificada, havia muitas casinhas de quilombolas que moravam, portanto, fora dos portões da fortificação.

Narra, a seguir o desenvolvimento material e o crescimento populacional do Tengo-Tengo, que recebia a todos os que vinham de longe, buscar a paz ou o abrigo que procuravam para suas vidas. A população subiu a mais de mil habitantes.

Carmo Gama Fala de João Wruméia e Hyunhanguera, escolhidos por Ambrósio como seus generais ou lugares-tenentes. Descreve as leis civis e penais de Ambrósio e o seu sistema político-econômico, ao mesmo tempo ditatorial e socialista ou comunitarizado, e ainda as classes sociais, na verdade profissionais, de seus súditos, descendo a minúcias que só podem ser da inventiva do autor, provavelmente monarquista e frustrado com a recente República (escrevia no ano de 1900). Descreve até o sistema processual penal, onde a segunda ou superior instância era buscada na capital jesuítica, Aldeia de Santana¹⁷. Volta à economia ambrosiana e descreve toda a sua

14 Tratam-se dos rios São Pedro e Comprido, dados a manifesto ao governo goiano em 1752, por Pedro Franco Quaresma. O nome “Misericórdia”, segundo roteiro de Inácio Correia Pamplona, foi dado por ele ao rio e à Região, isto, como informa, por ter demarcado ao sul desse rio, uma Fazenda para a Sta. Casa de Misericórdia de Ouro Preto, isto, em 1769. Ora, o Ambrósio de Cristais foi destruído em 1746 e, o de Ibiá, em 1759. Portanto, o autor do texto criou sim, mas de forma ainda muito desinformada – Anais da Biblioteca Nacional, v.108, 1988, p.67-68.

15 A Aldeia de Sant’Ana, na verdade, foi fundada pelo coronel Antônio Pires de Campos em 1742, a pedido do capitão general de São Paulo, dr. Luiz de Mascarenhas; confirmada em 1749-50 pelo governador da Capitania de Goiás (é que a Capitania de São Paulo fora extinta em 1748) – Ver *Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil*, Edusp, 1989, p. 103-104.

16 Entendo que, sem dúvida, o autor não consegue esconder a sua tendência monarquista, frustrada pela recente proclamação da república, mas, disfarçada num falso republicanismo.

17 Sem dúvida que o mentor de tais idéias, mesmo que fosse o próprio Carmo Gama (que aliás era excelente jornalista), conhecia bem as questões jurídicas de seu tempo; essa discussão inclusive estava na moda no final do século XIX.

O Quilombo Minas Gerais - mgquilombo

riqueza material que atraía mais e mais habitantes novos que acorriam de lugares longínquos. A população chegou a milhares de habitantes.

Os anos se passaram, os cabelos de Ambrósio se foram ficando grisalhos. Todos os criminosos que entre os 200 pioneiros foram deixados pelos jesuítas com Ambrósio, ou se tornaram bons cidadãos, ou foram apenados com a morte ou expulsos. A população ficou totalmente ordeira e trabalhadora, sob o comando de Ambrósio, descendente de reis na terra africana. Viviam em paz e em consonância com a capital jesuítica.

Escravos dos jesuítas começaram a fugir para o Tengo-Tengo. Os padres pediram devolução de suas peças e Ambrósio, que se tornara absoluto, negou-se a atender os padres, seus benfeitores. Isto abalou as relações com a capital jesuítica e o Tengo-Tengo ficou isolado. Ai começaram os problemas.

O autor informa que “*por este motivo*” (?) os padres Caturra e Custódio Coelho Duarte, “*portugueses ambos*”, despediram-se da capital jesuítica e passaram a viver com o Ambrósio no Tengo-Tengo. Nesta época, o quartel ambrosiano já possuía uma população de mais de cinco mil habitantes. O tempo foi passando.

A seguir, narra, o autor, as expedições comerciais que duas vezes por ano Ambrósio enviava para Vila Rica, visando a vender seus produtos e a comprar escravos para o quartel ambrosiano. Fala da lisura e bom comportamento que Ambrósio exigia de seus comandantes, João Wruméia e Hyunhanguera, em todos os seus negócios, exigindo recibos e boa procedência dos escravos comprados para aumentar a população do Tengo-Tengo. Esses escravos prestavam serviços ao Tengo-Tengo por 10 ou 20 anos e depois ganhavam a liberdade.

Querendo, os padres, irem embora do Tengo-Tengo, Ambrósio comprou-lhes seus escravos e deu muitos presentes a seu ex-senhor, padre Caturra, na forma de dinheiro e pedras preciosas. Os padres se foram numa dessas expedições comerciais a Vila Rica. A estrada descrita tinha o seguinte trajeto: “*ganhava-se o rio São João, desde ao São Francisco, Santo Antônio do Monte e, daí, por estrada fácil até Vila Rica*”¹⁸. O padre Custódio Coelho Duarte ficou em Santana de São João Acima, disfarçado como professor, tendo Caturra, também disfarçado, seguido viagem.

Numa destas viagens – não se sabe se antes ou depois da retirada dos padres – foram comprados os escravos Manoel Cabida e sua mulher Catarina, de um padre jesuíta que, disfarçado de pessoa comum, vivia em Vila Rica. O negro era marceneiro e letrado, de maneira que, caindo na confiança de Ambrósio, passou a ser o guardião de seu tesouro. Esse negro era franzino e não era guerreiro, mas passou a ser de grande confiança de Ambrósio e de seu conselho. Esse personagem, cuja criação é amarrada no tempo (1790-1807), é, portanto, totalmente criado por Carmo Gama. Na data da batalha, segundo fala do próprio personagem, havia dez anos que fora comprado em Vila Rica e estava trabalhando no Quilombo do Ambrósio.

Numa outra viagem destas – muito depois da retirada dos padres do Tengo-Tengo - como havia “*muita guerra em Vila Rica*”, Wruméia e Hyunhanguera só conseguiram comprar um único escravo: Pedro Rebolo, que o autor descreve com tintas malagourentas, como sendo ele o símbolo do maldade e do malévolo. E era. Ambrósio apercebeu-se e fez o que pôde para se livrar do negro. Houve um concerto do destino. Não houve como se livrar do novo escravo. Rebolo, castigado muitas vezes, não se emendou. Simulou bom

18 Esse trajeto é um total absurdo; nunca existiu tal caminho.

O Quilombo Minas Gerais - mgquilombo

comportamento por algum tempo. Quando ninguém desconfiava, fugiu para Vila Rica, pondo em perigo o segredo da localização e a segurança do quartel ambrosiano. Ambrósio confirmou, ainda, que seus comandantes, em suas viagens a Vila Rica, se comportavam como quilombolas quaisquer, roubando e praticando crimes de toda espécie. Começa o ocaso do Tengo-Tengo.

O destino do Tengo-Tengo estava selado. Os elementos conspiravam pela sua destruição. Este é o ânimo que assaltou e tomou o espírito do velho rei Ambrósio, agora pessimista e fatalista. Ambrósio comunicou a fuga e os seus maus presságios aos jesuítas que, portanto, ainda estavam comandando a Aldeia de Santana, hoje, Indianópolis¹⁹.

Mais à frente, o autor informa que os jesuítas convidaram Ambrósio a que fugisse com seu povo para a Aldeia de Santana, de onde poderiam escapar de canoas pelo rio Paranaíba, ganhando, se fosse o caso, os sertões de Goiás e Mato Grosso. O povo de Ambrósio, a maioria escravos fugidos inclusive dos jesuítas, temendo o cativo, não aceitou. Ambrósio preferiu ficar com o seu povo.

Ambrósio, em conselho, determinou que seu exército de três mil homens estivesse sempre pronto, tanto dentro como fora de seus muros. Passou a colocar guardas diurnos nos pontos de visão mais estratégicos do Tengo-Tengo.

Sob a epígrafe “Caturra”, o autor narra fatos sobre a chegada e saída dos padres, cujos dados incorporamos na própria narrativa supra eliminando esse retrospecto que, no conto, mais parece – a quem o lê - correção de lapsos que o autor cometeu na narrativa corrente, além dos seguintes:

Caturra, naquela ocasião, disfarçado mas com muito dinheiro e outras riquezas, seguiu para Vila Rica e, de lá, para o Rio de Janeiro. Fez amizade com traficantes de escravos e com estes seguiu em navio para a África, onde, agora no negócio do tráfico, queria ficar mais rico ainda. Em alto mar, seu navio foi atacado por piratas, sendo que Caturra, além de roubado em tudo que tinha, acabou, ele mesmo, vendido como escravo na Argélia.

O governo português ficou sabendo de seus súditos escravos na Argélia e cuidou de libertá-los mediante resgate. Em Portugal, Caturra passando-se por um brasileiro qualquer (era português), acabou voltando para o Brasil, onde, já bem velho e decadente, passando para Vila Rica, engajou-se como soldado em uma de suas tropas.

Assim, quando Pedro Rebolo, fugido do Tengo-Tengo, chegou a Vila Rica, o velho Caturra, disfarçado, já prestava serviço como simples soldado das tropas do governador. O autor, no entanto, não identifica sequer quem era o governador das Minas a esta época.

Rebolo procurou seu ex-dono em Vila Rica e revelou-lhe o segredo do Tengo-Tengo, que teria cerca de seis mil habitantes, governado por um poderoso rei que tinha exércitos e um fantástico tesouro. Seu dono procurou o governador e narrou-lhe os fatos, concluindo, todos, que se tratavam dos jesuítas, então objeto de todo o ódio e perseguição oficial àquela época. Ou seja, segundo o autor, o fato de haver jesuítas na história teria impressionado mais as autoridades do que o fato de existir um quilombo com tal poderio bélico e econômico. Comunicação foi enviada ao vice-rei no Rio de Janeiro (vice-rei, no Rio, só depois de 1763) e o Rebolo foi conduzido à prisão, no palácio do

19 Ora, os jesuítas, inclusive os da Aldeia de Rio das Velhas, foram expulsos em 1759. Ver *Subversão e Corrupção – Um Estudo da Administração Pombalina em Goiás*, de Luís Palacín, p.14.

O Quilombo Minas Gerais - mgquilombo

governador em Vila Rica. Era lá que estava trabalhando o agora soldado, Caturra.

O velho Caturra, agora soldado, falava dialetos africanos²⁰. Assim, no turno de sua guarda ao prisioneiro Rebolo, conversou longamente com o mesmo – que não o conhecia – inteirando-se de tudo o que se passava. Teve que tomar cuidado, pois muitos soldados desconfiavam que Caturra não fosse apenas um velho soldado iletrado e ignorante. Tanto que, jocosamente, o haviam alcunhado de *o padre-Mestre-Jesuíta*. A partir daí, o autor volta a falar da perseguição aos jesuítas.

Caturra pensava em se comunicar com Ambrósio, mas, a esta altura, além de estar velho, não se recordava do caminho, não saberia encontrar o Tengo-Tengo. Para disfarçar, Caturra passou a simular um grande ódio pelos jesuítas, fato que o inseriu de forma mais convincente na confiança e amizade dos companheiros de caserna.

Registra, o autor, que o governador mandou apenas (recrutar) pedestres e capitães-do-mato para a incursão que pretendia perpetrar contra o tal Quilombo do Ambrósio. Todos os preparativos se fizeram no maior sigilo e simulação possíveis. Neste ponto, em nota de rodapé o autor cita Xavier da Veiga nas Efemérides de 8 de maio de 1747 ou 1756, de forma interrogativa, demonstrando que, ou não dominava ou que queria mesmo embolar e confundir o tema.

“De vários pontos foram chamados o célebre Cavaco²¹, o famigerado Gregório²², o valente Feliciano²³, cada um com seu troço de cinquenta bacamartes, ganhando os chefes quatro oitavas de ouro em pó, cada um de seus ajudantes um cruzado novo (400 réis) por cabeça de... calhambola²⁴”. Daí, em longo trecho, passa à ignomínia a esses serviçais homicidas, capitães-do-mato, de que muito se utilizou Portugal nas Minas Gerais. Fala, ao final, reportando-se à História, de *“memorável expedição em que o triunfo subiu a três mil e novecentos pares de orelhas”*, citando de novo o Xavier da Veiga.²⁵ Quanto ao fato “real” que narrava, diz o autor que do manuscrito não constava o nome do chefe da expedição de que trata. Quanto ao *“condutor do trem bélico”*, Carmo Gama informa que este fora Pedro Rodrigues Lopes Vital, morador na Fazenda Pedreiras, no Arraial Aranha²⁶.

A expedição teria saído de Vila Rica²⁷ no mês de maio chegando quase dois meses depois ao rio São Francisco. Rebolo havia errado o caminho. Claro, Caturra, agora soldado, fazia parte das tropas de mais de três mil homens que

20 Isto, no Brasil, é uma confusão. Dialeto sudanês, comparados com os bantus, seria o mesmo que comparar dialetos latinos com dialetos germânicos ou russos. Dificilmente alguém dominaria tudo.

21 Encontrei referência a igual nome no APM-SC 229, fl.34, ano de 1781, *“Manoel Pereira, por alcunha o Cavaco, Paraopeba de Baixo – CMG”*, nada a ver com o Ambrósio, portanto. Há, ainda a referência a um capitão-do-mato com este nome em 1798 in *Negros e Quilombos em Minas Gerais*, p. 74-75, citando “Documentos Avulsos, APM”. Há também os topônimos serra do Cavaco e ribeirão do Cavaco, afluente do Correnteiras que passa por Divino Espírito Santo, norte de Alterosa, in carta IBGE, 1970, 1:50 000 de Conceição da Aparecida.

22 Há o topônimo *“serra do Gregório”*, entre as serras da Posse-Mutuca e Contendas, nascentes do rio Cancã, carta IBGE, 1970, 1:50 000 de Alpinópolis.

23 Feliciano Cardoso de Camargo morreu em 1748 no ataque caiapó próximo do rio das Abelhas.

24 Aqui, como se vê, a criatividade do autor voou para todos os lados.

25 Como se vê, o autor quis deixar claro que não estava falando do mesmo fato histórico e sim de um outro fato, “semelhante”, mas, OUTRO fato. Além disto, os fatos de Xavier eram de 1746-1747 ou 1758-1760, enquanto que estes, narrados pelo Carmo Gama, ocorreram no final do século XVIII, começo do século XIX, entre 1799 a 1801, por exemplo. Tanto que o próprio Carmo Gama, em 1915, viria a publicar esse mesmo artigo como um dos vários CONTOS de seu livro *Contos Mineiros... Rio Novo*.

26 Hoje, distrito da cidade de Brumadinho, ao sul de Betim.

27Todas as expedições ao Ambrósio “saíram” de São João Del Rei; nenhuma de Vila Rica.

O Quilombo Minas Gerais - mgquilombo

marchavam contra o Quilombo do Ambrósio. Rebolo acabou reconhecendo o caminho.

Depois de marchas e contramarchas, avistaram uma sentinela num morro e Rebolo sorrindo gritou: Tengo-Tengo²⁸! A alegria se espalhou em toda a tropa, menos para o “soldado” Caturra que, disfarçadamente, chorou.

Descreve, Carmo Gama: *“A cidade ou quartel Ambrosiano estava colocada em um lindo descampado, no encontro de dois córregos que forneciam grande abundância d’água, tanto para o consumo público, como para os engenhos, moinhos e outros mecanismos. Circulava-o um valo com a extensão de uma légua em circunferência largo e profundo, erigido no centro com pontiagudas estacas de aroeira do sertão, cuja rijeza e durabilidade são legendárias: acima do valo e acompanhando todo este, a guisa de muralha, levantava-se um terraço de oito palmos de altura por dez de largura: um só portão, junto ao qual havia uma ponte levadiça, dava acesso à cidade, que era um perfeito arremedo das antigas cidades fortificadas. Logo ao pé do portão havia uma igreja e daí seguia a rua principal, até ao grande largo ou praça, onde se erguiam as torres de um belo templo com seu campanário; o palácio real ou residência de Ambrósio; a cadeia com seu grande pátio fechado, por grossos muros; o patíbulo, e os mais importantes edifícios. O portão era de duas bandeiras, muito largas e cozidas com grossas chapas de ferro. O erário público era no palácio”²⁹.*

“Corria o mês de agosto”. As sentinelas foram, uma a uma, na escuridão da noite, sendo varadas de flechas ou punhais. O comandante das tropas (nunca identificado pelo autor) mandou arrancar do fosso as estacas de aroeiras, permitindo fácil passagem.

O povo do Tengo-Tengo foi acordando aos poucos. Dirigiu-se, como de costume, para as orações matinais na igreja. Os portões foram abertos, a ponte levadiça baixada. Ninguém desconfiou ou viu nada. Sonolentos, os habitantes cantavam e rezavam na igreja³⁰. As tropas atacantes instalaram suas “peças” (canhões?³¹) no portão aberto e abriram fogo cerrado contra a igreja. Foi uma grande mortandade logo de início.

João Wruméia, Hyunhanguera e o próprio Ambrósio, reagem, organizam a defesa e, de dentro do próprio templo, resistem o fogo dos atacantes que também sofrem alguma baixa e são repelidos para fora das muralhas. Finalmente, por volta de nove horas da manhã, o exército de Ambrósio fica sem munição. Continuam a luta, agora atirando flechas contra os sitiantes, mas suas baixas aumentaram ante o fogo dos atacantes. Ao meio dia, cessou tudo. Os ambrosianos saem das muralhas e mantêm fechado o portão. Os atacantes continuaram entrincheirados do lado de fora da fortaleza ambrosiana.

Uma negra solitária e apavorada, com uma corda, foge das muralhas ambrosianas e pede proteção ao comandante das tropas atacantes,

28 Segundo Aurélio, Tengo-tengo é Adv. Bras. N.E. Pop. que significa “Sem grande esforço; devagarinho”.

29 Evidente que Carmo Gama “criou” sobre o croqui do escrvão de Pamplona ou sobre o próprio local indicado posteriormente por Álvaro da Silveira.

30 Neste ponto, imaginando ou não, o autor acertou: por exemplo, no Quilombo do Perdição do Bambuí, havia mesmo um cruzeiro e uma capela; aliás, os quilombos tinham até forja de ferreiro, curtumes de couros, teares; etc.; fatos documentados pelo cartógrafo e escrvão de Inácio Correia Pamplona em 1769, ou seja, dez anos após a destruição desse quilombo e do vizinho Quilombo do Ambrósio.

31 Está documentado que tanto na guerra de 1746, como na de 1759-60, as tropas atacantes utilizaram até granadas para atacar o Quilombo do Ambrósio. Sobre canhões, nada consta.

O Quilombo Minas Gerais - mgquilombo

informando que Ambrósio mandara preparar facões e que estava matando todos os sobreviventes de seu povo, inclusive velhos, mulheres e crianças³².

Lembramos que o Quilombo do Ambrósio é referido em vários documentos como “lendário”, “afamado” e “célebre”. As Cartas Chilenas o compararam a um local de festas. Ambrósio foi citado como “Pai” e como “Rei”; nunca como o louco inventado pelo Carmo Gama.

Os atacantes botaram abaixo os portões e surpreenderam Ambrósio, sentando junto a Cândida, em meio a um cenário juncado de cadáveres degolados, assistindo a sequência das degolas que, a seu mando, João Wruméia e o Hyunhanguera aplicavam no amedrontado povo. Quiseram reagir, mas Ambrósio mandou que se rendessem. A seguir, Carmo Gama descreve Ambrósio:

“Um negro fula, com barba cerrada e basta carapinha, quase completamente brancas, nessa cor dúbia, entre o grisalho e a neve; porte alto e airoso; olhos grandes, boca pequena e lábios delgados, deixando transparecer nas comissuras esse tremor convulso que reflete as tempestades d’alma; pés e mãos pequenos; dedos finos e compridos; no rosto existiam os lanhos próprios de sua nação, mas ocultavam-se na espessa barba” .

“Trajava sobrecasaca de pano finíssimo, com galões dourados e botões de ouro; calças da mesma fazenda com largas listras vermelhas, nas costuras, lado exterior; camisa de cambraia; chapéu de braga com cinco bambolins de retrós, pendentes para as costas; botas pretas e justas, com bico fino e salto de prateleira, esporas de prata com correntes. Por armas prediletas tinha Ambrósio uma linda espada, um jogo de pistolas, rico punhal e uma espingarda inglesa de dois canos³³, tudo bordado a prata e ouro”.

A seguir, invadida a fortaleza e rendido todo o povo, o comandante das tropas, nunca identificado, passa a interrogar a Ambrósio:

- *“Quem és tu?*
- *Sou Ambrósio, capitão deste quartel.*
- *Capitão!... Quem é o teu senhor, negro?*
- *Sou livre e livre é toda a gente deste posto militar. Fui escravo³⁴, todos os adultos que aqui estão também o foram; mas somos todos livres. Minha carta de liberdade aqui está e a de meu povo neste cofre.*
- *Não conheço a letra, disse o comandante lendo a carta. Quem é teu senhor, negro?*
- *Já disse ao senhor general que não tenho senhor. Fui escravo, sim; mas aquele que tinha direito sobre mim, antes de expirar, deu-me liberdade.*
- *Pois ou hás de dizer quem é o teu senhor ou sofrerás muitos castigos.*

32 Nesse ponto é que o conto de Carmo Gama revela toda a intenção de manchar a memória do Pai ou Rei Ambrósio, cuja tradição de honra, valentia, dignidade e bondade era ainda muito viva e ele devia conhecer muito bem. A não ser que a tal carnificina conste mesmo do tal “manuscrito” de Janoário Pinto Moreira que Gama disse ter em mãos... precisamos achar o tal manuscrito; ou provar sua inexistência.

33 Esse tipo de espingarda só passou a existir depois da invenção da espoleta; a espoleta, no entanto, só foi inventada em 1804, na Europa. No Brasil, chegou bem mais tarde. Muitas das pistolas e espingardas de escorva (pederneira), antigas, voltaram para a forja, onde receberam essa modernidade. Por isto que, no Brasil, assessorados por falsos conhecedores do assunto, os cineastas colocam nos filmes pistolas com espoletas, e até de dois canos, em pleno século XVIII (anos setecentos), como ocorreu em *Chica da Silva*, *Chico Rei* e *Tiradentes!!!* Portanto, nesta “bola-fora”, Carmo Gama não ficou e nem está sozinho.

34 Equívoco do autor. Pessoa livre, só aquela nascida de ventre livre. Nenhum ex-escravo poderia e nem pode ser chamado de livre; um ex-escravo é sempre forro e não livre.

O Quilombo Minas Gerais - mgquilombo

- *Sou livre! Repetiu Ambrósio.*
- *Ela (a carta) é bem passada e datada do posto do Tengo-Tengo do Araxá, disse um oficial, lendo a carta de liberdade.*
- *Onde é este posto? Perguntou o comandante.*
- *É aqui. Respondeu Ambrósio.*
- *E que veio fazer aqui teu senhor?*
- *Salvar a vida!*
- *Salvar a vida! Ah! Com certeza jesuítas!*
- *Pois bem – continuou o comandante – São todos cativos e da Real Fazenda, à qual pertencem todos os bens dos tais padres, desde sua condenação à morte. Portanto, tu e toda esta canalha, da qual és cacique...*
- *Perdão, senhor general! Cacique é rei dos índios e eu não sou índio; na minha terra o rei é Zambi³⁵, e lá cabe-me esse título.*
- *Sejas rei dos índios, rei da África, rei do Araxá, capitão-general do Tengo-Tengo, grande em ponto de pequeno, com toda essa lengalenga, o que é certo é que todo o teu poder nada vale e tens que escolher uma de duas: ou hás de sujeitar-te ao cativo, ou morrer. Escolhe.*
- *Já declarei ao senhor general que não sou cacique; mas aceito essa dignidade que me é conferida e, três vezes rei, uma vez capitão-general, aceito a morte!*
- *Gregório! Chamou o comandante.*
- *Pronto! Respondeu o comandado”, descrito como um mameluco, mas chamado de “índio” pelo autor Carmo Gama. Este, após falar em pé-de-orelha com o comandante, passou a zombar do povo todo e a preparar a grande degola.*

O diálogo entre o comandante e Ambrósio, no entanto, continua.

- *“Então negro! Queres servir ou morrer?*
- *Quero morrer; mas... se o senhor general quisesse, pelo completo resgate nosso e da cidade, tanto dinheiro em ouro e prata quanto bastasse para cobrir o chão de toda a praça, com poucas horas lho daria... disse Ambrósio.*
- *Oh! Além de rei, de cacique, de capitão-general, é também milionário! Não duvido, porque, há anos que tu e teus companheiros viveis a roubar e por isso podes ser o maior banqueiro do Araxá. Melhor, porque, o erário real anda bastante oberado e isto o concertará...”*

A ganância tomou conta do comandante das tropas e este simplesmente ordenou a degola de todos, acreditando que, depois, localizaria facilmente o tesouro do Tengo-Tengo.

Caturra, durante tudo isto, manteve discretos diálogos em dialeto africano com Ambrósio e com Hyunhanguera, sempre cuidadoso para não se traírem, mas nada pôde fazer, pois já enfrentava a suspeita, traduzida pelo alcunha de “padre-mestre-Jesuíta”. Nem chorar pôde, mas muito sofreu.

Começou a degola³⁶ de velhos, mulheres e crianças, sendo os últimos degolados João Wruméia, Hyunhanguera, Cândida e o próprio Ambrósio; este, com sua roupa, armas e paramentos intocados até o fim. Depois, se instaurou

35 Nzambi é Deus e não rei. Angana-Nzambi, Senhor Deus. Como se vê, na verdade, o autor pegou uma carona em Zumbi, nome ou alcunha do último dos reis de Palmares.

36 As degolas estavam em moda na época em que o autor escreveu o artigo, os jornais cobriram e publicaram fartamente o extermínio da Canudos de Antônio Conselheiro.

O Quilombo Minas Gerais - mgquilombo

a barbárie, onde mais quilombolas foram mortos a tiros, facadas, cutiladas, mais degolas etc.

A seguir, sob a epígrafe “O Tesouro”, Carmo Gama passa a narrar a frustrada caça ao tesouro³⁷. Aqui, ficou claríssima a equivocada localização dos acontecimentos no tempo: “*Era já bem tarde, quando o clarim pôs termo à bacanal que seguiu àquela hecatombe, talvez sem exemplo nos anais do despotismos, com que na generosa terra mineira foi celebrada a transição do século dezoito para o século dezenove*”³⁸. Grifo nosso.

Dos cerca de seis mil habitantes, restaram vivos apenas cerca de duzentos sobreviventes feitos prisioneiros. Veio a noite e o comandante botou todos para fora, postou guardas, mandou fechar os portões e, de fora, vencedores e prisioneiros esperaram o dia seguinte para iniciar a caça ao grande tesouro do Tengo-Tengo. Passaram a noite nas casinhas que havia em volta da praça de guerra.

Amanheceu o dia. O comandante a todos acordou e presidiu cerimônia de guerra, lendo leis e outros cerimoniais de praxe. Ordenou a reentrada na praça de guerra. Mandou jogar os mortos nos valos de trincheira e, simultaneamente, mandou destruir muros e casas cujos escombros serviram para cobrir os corpos sepultados no grande valo. Ao mesmo tempo, se procuravam valores e riquezas, bem como, pistas que pudessem levar ao encontro do grande tesouro.

Enquanto isto, o comandante, acompanhado de Cavaco e de Pedro Rebolo, penetrou na residência ou palácio de Ambrósio a procura do tesouro. Rebolo nunca entrara no palácio e em nada pôde contribuir. O comandante manda vir a sua presença o Manoel Cabinda, antigo guardião do tesouro de Ambrósio.

Cabinda, durante a refrega, por artimanha, pusera a salvo sua mulher Catarina e, ele mesmo, escondeu-se durante a batalha, não se comprometendo, portanto, na luta com os atacantes. Depois disto, caíra nas graças de Feliciano, um dos lugar-tenentes do comandante do ataque. Por isto estava solto. O autor teve que fazer vários retrospectos para inseri-lo no contexto só fechado posteriormente.

Levado ao comandante no palácio de Ambrósio, Cabinda informou-o de que, realmente o tesouro ficava guardado debaixo do sobrado e que ele, Cabinda, inclusive era o guarda desse tesouro. Porém, depois da fuga de Rebolo, Ambrósio, Cândida, Wruméia e Hyunhanguera o haviam transportado em tachas e o esconderam em lugar para as bandas do rio Misericórdia³⁹, só por eles conhecidos. Com a morte de todos esses personagens ficava, assim, perdido para sempre esse segredo.

37 Será que é por isto que muita gente, inclusive Carlos Magno Guimarães, passou a “cavucar” o sítio onde pensavam que ficava o Ambrósio de Ibiá? (Ver jornal “Estado de Minas”, caderno “Gerais-Patrimônio”, de 7 de março de 99). Anda bem que sempre “cavucaram” no lugar errado!

38 Pergunta: Ora, mas se Carmo Gama tinha a informação de que o Ambrósio fora atacado em 1747(46) e 1758-1760, por que, então, deslocou tanto assim a data? Resposta: Ora, trata-se de uma mera ficção, um contozinho... Pergunta: Mas, a Revista do Arquivo Público Mineiro era, ou é, lugar para se publicarem ficções... contos??? Veja-se que esse folhetim de Carmo Gama foi publicado às páginas 827-866; a matéria anterior, às páginas 795-826 desta mesma Revista de 1904, é exatamente uma carta datada do Gabinete do Estado de Minas Gerais em 18 de abril de 1904, onde Francisco Antônio Salles reafirma várias mentiras históricas ao dr. Xavier de Almeida, Presidente do Estado de Goiás, para justificar o esbulho reinol mineiro de 1815 também sobre o Triângulo Goiano. Ou seja, o APM se deixou mesmo usar para um fim não-nobre.

39 Rio que, como se viu, só passaria a ter esse nome, dado por Inácio Correia Pamplona, após o ano de 1769, dez anos após, portanto, a destruição do último Quilombo do Ambrósio, o de Ibiá.

O Quilombo Minas Gerais - mgquilombo

A destruição foi geral, restando da procura ao tesouro só escombros e labaredas com enormes rolos de fumaça que a tudo envolvia, narra Carmo Gama, no epígrafe *Terrível Castigo*.

Em epígrafe final, *Retrospecto e Conclusão*, Carmo Gama registrou que os índios dos jesuítas a tudo observavam. Vendo o incêndio ou o ataque, correram para Santana e avisaram os padres.

Os jesuítas esconderam seus tesouros ou os entregaram a irmãos que continuariam incógnitos no País e prepararam a retirada. Lançaram seus ajujos e embarcações ligeiras nas águas do rio das Velhas (o do Triângulo) e em novo êxodo, desceram-no até ganharem o rio Paranaíba, de onde se internaram pelos sertões do Mato Grosso, de onde só voltariam depois do ano de 1824.

Voltando ao cenário do Tengo-Tengo. O comandante entrou em desespero. Carmo Gama, em outro longo e erudito retrospecto, figura todo o tumulto da alma do comandante, desfechando com a voz fantasmagórica de Ambrósio, que era a própria posteridade, acusando o comandante e os crimes de sua época, de... tiranos! e... bárbaros!

Não fica por aí o autor. Cria uma nova epígrafe chamada *Terrível Castigo*, onde em vários retrospectos, corrige ou acresce lacunas anteriores de seu texto, as quais, recambiamos para o lugar cronológico onde se deviam localizar no presente texto. E da sequência, a partir daqui, ainda restaram os fatos que abaixo se descreve.

O comandante, com um troço de homens escolhidos, dirigiu-se ao Misericórdia e, em toda a sua extensão, vasculhou tudo, inclusive grutas e cavernas, nada encontrando. Dias se passaram. Nada encontraram.

Na epígrafe *Retrospecto e Conclusão*, esclarece Carmo Gama, que “logo após a vitória” foi mandada uma expedição para levar as notícias Vila Rica. Passando por Itaúna⁴⁰ a expedição, Caturra desertou – talvez ajudado pelo seu amigo Custódio Coelho Duarte que lá ainda residida (o autor nada diz) – e por lá ficou morando, tornando-se, mais tarde, professor Caturra foi testemunha presencial desses acontecimentos que, depois, narraria ao Janoário Pinto Moreira, seu aluno, em Itaúna. Janoário tomou nota de tudo e seus manuscritos, após a sua morte, foram parar nas mãos do padre Euzébio Nogueira Penido que, por sua vez, os repassou ao Carmo Gama, autor do texto ora em análise. Enquanto isto, no cenário dos fatos as coisas continuaram a acontecer. As tropas permaneceriam ainda por mais de três meses na região cenário dos fatos.

Os corpos, mal sepultados nas valas cobertas de entulho, começaram e exalar terrível mau cheiro. O exército atacante recolheu alimentos, matou gado pelos campos, descarnou-o, ajuntou tudo em vasilhames também ali roubados e foi procurar um outro lugar um “tanto” distante, chamado Paraíso, onde montou acampamento ou arranchação.

Cabinda, com o dinheiro que tinha guardado, escapou e livrou sua mulher de todos os castigos e suspeitas, caindo nas graças do capitão Feliciano, a quem passaram a servir como empregados. Começaram, assim, a articular grande vingança contra o traidor Pedro Rebolo.

Catarina se insinuou para Pedro Rebolo e, tornando-se sua amante, cuidou de indispô-lo, também contra todos os soldados e oficiais ali acampados. Cabinda simulou ciúmes e, ao mesmo tempo, medo de Pedro

40 Mapas de José Joaquim da Rocha e outros, de 1780, mostram que os caminhos que vinham de Araxá para Vila Rica não passavam por Itaúna. Ver Anexos do livro *Geografia Histórica da Capitania de Minas Gerais – 1780*, BH, 1995, Fundação João Pinheiro.

O Quilombo Minas Gerais - mgquilombo

Rebolo que era mais forte e mais jovem. Feliciano, penalizado, chamou-o às falas de como suportava aquela situação. Cabinda, simulando fraqueza, disse que daria todo o resto de seu ouro – cuja bolsa sacou e exibiu a Feliciano – caso alguém o livrasse daquela situação. Feliciano, de pronto, aceitou a proposta e tomou-lhe a bolsa.

Catarina, posteriormente, na frente de todos, combinou com Rebolo de encontrarem-se lá no Quartel do Ambrósio que já não fedia tanto; e o autor explica que o comandante havia mandado jogar mais entulho sobre os corpos. Porém, não era tão “tanto” distante do acampamento no Paraíso – conforme registrara o autor - pois o encontro foi marcado para o dia seguinte.

No dia aprazado, mal os amantes se abraçaram, Feliciano e outros homens pegaram e sujigaram o Rebolo. Catarina sumiu e reapareceu paramentada (o autor a descreve) com uma machadinha à cinta, como se vestida para cultos sudaneses⁴¹, tipo candomblé. Estava acompanhada de seu marido Manoel Cabinda.

Com Rebolo sujigado ao chão, Catarina se aproxima, entrega sua machadinha ao marido, e passa a desfechar-lhe, na cara, chutes com seu sapatinho de fivela e bico fino, mencionando, a cada chute o nome daquele por quem executava sua vingança: “*Eu sou Ambrósio... eu sou Cândida... eu sou João Wruméia (...) e sou o povo todo a quem mataste pela traição!*”.

Com a machadinha, Manoel Cabinda passou a preparar o instrumento de empalação. Terminado o ritual dos chutes, Rebolo foi preparado e o próprio Manoel Cabinda consumou sua empalação, provavelmente com uma estaca de aroeira ou bambu. (O autor não diz). Rebolo morreu gritando e rosnando no maior sofrimento.

Morto Rebolo, Catarina e Manoel Cabinda levaram seu corpo para o mesmo cepo onde Ambrósio e seu povo haviam sido decapitados. Ali, no mesmo cenário, passaram a mutilar o corpo do negro morto: “*Cortemo-lhe os pés para que não vão (sic) mais a Vila Rica nos denunciar; as mãos, para que não façam mais sinais no pauzinho; a língua, para que não fale; as pálpebras, para que tenha abertos sempre os olhos e contemple o mal que nos fez*”. Assim, consumaram a sua vingança.

Rebolo sumiu do acampamento e ninguém nunca mais tocou no assunto ou no seu nome, dado a que Cabinda subornara ainda mais o capitão Feliciano e aos soldados que o haviam ajudado na vingança. Termina assim esse tópico.

Em epígrafe específica, chamada *Retrospecto e Conclusão*, o autor procura aparar as arestas e explicar melhor fatos anteriores que não foram abordados no texto até aqui descrito. Da mesma forma, recambiamos cada fato para o seu devido lugar na cronologia lógica dos acontecimentos narrados.

Feliciano e seus homens permaneceram por três meses no sertão, após a partida do comandante e parte das tropas. Retornadas as tropas a Vila Rica, Manoel Cabinda e sua mulher Catarina, reconhecidos pelo seu ex-dono (jesuíta que vivia disfarçado de leigo) recobram sua liberdade. Uns quilombolas foram devolvidos a seus donos. Outros, foram vendidos como escravos em hasta pública.

De tudo isto, ao final, no texto de Carmo Gama, vêem-se como vencedores os jesuítas. Diz que, depois de 1824⁴², após a promulgação da Constituição do Império, esses padres, disfarçados de leigos, foram voltando.

41 No entanto, mais 99% dos quilombolas de todo o Campo Grande eram bantus, de Angola, Moçambique etc. Pouquíssimos sudaneses havia.

42 Ora, a Cia. “*Restabelecida oficialmente pela Santa Sé em 1814, voltou ao Brasil em 1841, onde floresce de novo em (...)*”- *Breve História da Companhia de Jesus no Brasil*, Serafim Leite, S.J., Livraria A I Braga, Portugal, p. 233.

O Quilombo Minas Gerais - mgquilombo

Tinham, em seus livros, manuscritos e mapas, os locais exatos onde haviam enterrado ou escondido cada tesouro. Assim, descobriram e desenterraram todos esses tesouros que voltaram a pertencer à Companhia de Jesus. Apareceram em vários pontos do sertão mineiro, humildes, bobinhos. Ficavam algum tempo e, depois, assim como tinham surgido, desapareceram misteriosamente.

Em desfecho final, Carmo Gama dignifica a Abolição, a República e a Constituição Republicana que consagrara que *Todos são iguais perante a lei*. O total de folhas do texto consignado na *Revista*, (p. 827-866), é de 40 páginas, que resumimos, no presente, em menos de 13 páginas. O que se acresce são nossas glosas.

Este artigo passou a ser mais uma forja dos falsos pressupostos da interpretação que até hoje os historiadores têm dado à História dos Quilombos do Campo Grande.

O presente estudo foi por nós disponibilizado na Internet em 10 de março de 2002.

Acresçamos-lhe que os inimigos da verdade que buscamos por mais de vinte anos, além de serem antigos, sempre estiveram entranhados ao poder reinol mineiro.

Como denúncia da má intenção de se “transformar” o conto *QUILOMBOLAS Lenda Mineira Inédita* em História “Oficial”, pode-se aferir, antes deste conto, às páginas 795-826 da mesma *Revista do Archivo Público Mineiro* de 1904, a matéria “*Questão de limites entre os Estados de Minas e Goiás*”, transcrevendo carta-resposta datada do Gabinete do Estado de Minas Gerais em 18 de abril de 1904, onde Francisco Antônio Salles reafirmou e reinventou várias mentiras históricas sobre o Quilombo do Ambrósio ao dr. Xavier de Almeida, Presidente do Estado de Goiás, para justificar o esbulho reinol mineiro de 1815 sobre o Triângulo Goiano que virou Mineiro.

Assim, por exemplo, ao contrário do que pensou o orientador da colega Márcia Amantino no seu trabalho de doutorado perante a UFRJ⁴³ sobre este conto de Carmo Gama, o real problema está, sim, localizado não só na falsidade dos fatos, mas também na evidência da intenção não-nobre da publicação, como denuncia a sequência de matérias na mesma revista de 1904. Além do mais, em quê nos ajudaria no entendimento da vida quilombola o estudo de fatos ficcionais? Como se vê, é a universidade pública e sua fábrica de mestrados e doutorados. Precisamos repensar tudo isto. Precisamos acertar as contas com o nosso passado e com a nossa universidade pública. Ou nunca teremos uma História.

43 O Mundo das Feras: Os Moradores do Sertão Oeste de Minas Gerais – Século XVII, p. 16 do exemplar em CD-ROM.